



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17794 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

ARQUIVOS INDISCIPLINADOS: MEMÓRIAS DE TRAVESTIS QUE ATRAVESSAM O BOLETIM “O SALTO”.

Thomas Cardoso Bastos Santos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Matheus Reis Dantas - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Dayanna Louise Leandro dos Santos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq/ Capes

ARQUIVOS INDISCIPLINADOS: MEMÓRIAS DE TRAVESTIS QUE ATRAVESSAM O BOLETIM “O SALTO”.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir sobre dois boletins informativos do *O Salto* produzidos pela Associação de Travestis Unidas na luta pela cidadania – Unidas, movimento social de pessoas trans e travesti do estado de Sergipe. A Unidas surge como movimento social em 1999, e até hoje segue sendo relevante nas lutas por direitos especialmente de pessoas trans e travestis, mas não só, a Unidas também atua nas trincheiras de resistência por pautas que envolvem também as comunidades LGBIP+ e seus diversos atravessamentos.

O *Salto* nos apresenta trajetórias, memórias, notas, fotos que nos ajudam a (re)montar, conhecer, os atravessamentos histórico/políticos não só no estado de Sergipe como a nível nacional. As notícias veiculadas no *O Salto* auxiliam a pensarmos como a Unidas também agenciou maneiras outras de produzir e veicular conhecimento, informação, principalmente sobre saúde para uma população marginalizada, especialmente de travestis que atuavam como profissionais do sexo.

Aqui tentaremos evidenciar a discussão para duas edições do boletim *O Salto*, a primeira delas será do primeiro número, do ano 2000 e a segunda do número oito do ano 2002, foram escolhidas essas edições pois são poucos

números restaram de registro, e ambas representam marcos históricos para o movimento do *O Salto*.

Esse trabalho surge a partir do início de processo de catalogação e construção de um dos centros de memória da Unidas, atualmente já inaugurado na sede da Unidas temos o Centro de Pesquisa, Documentação e Memória Maria Georgina Machado, espaço que tem por objetivo democratizar saberes e experiências sergipanas voltadas a luta contra a sorofobia, outro centro será inaugurado na sede da Unidas e também contará com os boletins e outros arquivos referentes a instituição.

Feitas as considerações iniciais, buscaremos evidenciar como o boletim *O Salto* foi uma ferramenta de produção de saberes outros, de tecnologia para produzir espaços outros de veiculação desses saberes, que surgem a partir das narrativas, das experiências, do fazer político de travestis que compuseram as trincheiras de resistência da Unidas em Sergipe. Recorreremos as experiências narradas no boletim, bem como as experiências vividas na Unidas, estas servirão para enriquecer a análise e os avanços do movimento organizado em Sergipe.

2 UNIDAS: 25 anos de luta e resistência

As perseverantes conjunturas sociais/históricas/políticas que marginalizam, negam direitos, desumaniza vivências e experiências, acabam por exigir uma mobilização popular, um (contra) movimento, auto-organização, que reposicione essas experiências que os colocam em desigualdade. (Passos, 2022)

As experiências de movimento social são descritas por Maria Clara A. dos Passos, em *Pedagogias das Travestilidades* como: “A organização de diferentes segmentos da sociedade em torno de projetos políticos que dão ênfase a pautas essenciais da coletividade - mas nem sempre ganham destaque no debate público - culmina no que compreendemos como “movimento social”.” (Passos, 2022, p.32) Os movimentos sociais seriam então essencialmente constituídos de resistência e coletividade, forjados nas lutas populares por aquelas/es que sonham outros projetos de democracia.

Em suas pesquisas sobre o Movimento de Travestis e Transexuais no Brasil, Passos (2022) sistematiza a história desses movimentos em ondas, e aponta o marco da segunda onda por volta dos anos 2000 e como neste momento havia diálogos mais firmes e direto com a institucionalidade política, assim Passos (2022, p.74) descreve o seguinte cenário desses movimentos, “as travestis e transexuais brasileiras estavam familiarizadas com o vocabulário das políticas públicas, e já tinham construído coletivamente aprendizagens sobre o Estado a partir das experiências com os Entlaids.”

Nessa conjuntura por ampliação de espaços de discussão que o Movimento de Travestis e Mulheres transexuais disputa projetos políticos que atendam às suas especificidades, é sob esse cenário que surge a Unidas. De acordo com Chagas e Oliveira (2022) na obra, *Unidas! 20 anos de luta pela cidadania – percepções e itinerário de uma batalha*, a Unidas surgiu pela necessidade de um espaço de socialização e cuidado para travestis. Em 1999, foi inaugurada a primeira sede da Unidas no bairro Siqueira Campos no município de Aracaju, a Unidas então passa a ser ponto de encontro, as meninas iam até a instituição para trocar experiências, falar sobre suas histórias como profissionais do sexo, e nas reuniões a tarde regadas com bolos e cafés serviam também para os debates sobre saúde, especialmente na prevenção de ISTs e AIDS, e sobre redução de danos relacionados ao uso de silicone industrial. (Chagas; Oliveira, 2022)

Com o passar do tempo a mobilização e atuação da Unidas esteve focada na luta pelos direitos das travestis e em aspectos relacionados a saúde. Na sede da instituição há um grande acervo que memoriza essa atuação, que se deu na participação de eventos de saúde em níveis estaduais, regionais e nacionais, na elaboração de cartilhas de redução de danos para o uso de silicone líquido, nas reuniões com as meninas para debater o assunto, com a produção e veiculação dos boletins informativos, *O Salto* é um dos exemplos, entre outras maneiras de atuação.

Não raro, mas persistente, eram as idas as delegacias, hospitais, ministério público, advogados amigos, em busca de apoio para as travestis, assim, a luta se travava antes de tudo no reconhecimento da humanidade de cada uma, do direito em serem cidadãs, apesar de possuírem poucos meios para abarcar as oportunidades dada pela sociedade na estrutura formal de trabalho. (Chagas; Oliveira, 2022, p.78)

A Unidas sempre esteve nas diversas frentes de lutas em favor das travestis, preocupando-se desde o início com a geração de trabalho e renda, bem como com a qualificação para o mercado de trabalho e a oferta de oficinas de beleza. Apesar das dificuldades em estabelecer diálogos com órgãos oficiais, sempre encontrou maneiras para enfrentar a exclusão e a desigualdade social que historicamente afetam as travestis. (Chagas; Oliveira, 2022)

A Unidas tem sido incansável, atualmente apesar das dificuldades em se manter uma estrutura física, tem feito também um trabalho voltado para a conservação e democratização das memórias relacionadas a Unidas e ao movimento de luta de prevenção do Hiv/Aids do estado de Sergipe. E não é só, a Unidas tem se mobilizado por uma luta ampla pela cidadania LGBTIA+, manifestações em espaços públicos, disputas legislativas, diálogos com movimentos de Sergipe e de outros estados, tudo isso (re)pensando e (re)escrevendo também maneiras outras de se construir movimento social, que se articule de forma interseccional, a partir dos ativismos, da educação, saúde. A

Unidas ao longo de sua jornada tem levantado bandeiras históricas e permanece na resistência sem perder o foco na esperança de construir um país mais democrático e inclusivo.

3 Um grande “Salto”: arquivos indisciplinados, memórias e atravessamentos de um boletim pensado por e para travestis.

Fotos, cartazes, folders, adesivos, boletins, quando adentramos na sede da Unidas encontramos vestígios de uma memória coletiva viva, que (re)monta histórias do passado que nos mobiliza até o tempo presente. Como chegamos até aqui? Quais os lugares de todas essas memórias? A Unidas pode ser vista como esse *lugar de memórias*, das marcas que as vivências, de um tempo que é passado e futuro ao mesmo tempo, espaço que deixará/deixa na memória os sentidos de pessoas que foram associadas, que contribuíram/contribuem para um projeto de resistência de travestis e transexuais. E essa é uma memória indisciplinada, são arquivos indisciplinados, pois primeiro rompem com a lógica tradicional que os arquivos pressupõem, como aponta Bourcier: (2023, p.25)

A função administrativa do arquivo é primária, mas esquecemos disso, é preciso dizer que tudo é feito para que nossa visão do arquivo se reduza a um remanescente empoeirado ou precioso, bem guardado em algum lugar e antes reservado aos historiadores que saberiam o que fazer com ele para o nosso bem maior, no entanto, o arquivo não deve ser reservado aos historiadores ou ao passado, o arquivo não pode ser prisioneiro da história, de uma única disciplina e, a fortiori, da escrita, da escrita da história, eu voltarei a isso.

Se arquivar é governar, segundo Bourcier (2023) esse controle inclusive está ligado aos nossos desejos de arquivo, encontramos nos arquivos indisciplinados na Unidas um (des)governo, são arquivos outros, que (re)contam de vivências que não estão nos livros das histórias e que não estarão. Se os arquivos são poder, uma máquina epistemológica movida a conhecimento, (Bourcier, 2023) Como poderia a mobilização de travestis estarem em importantes centros de arquivamento? Não poderia, mas pode. Mesmo diante desses enfiamentos de censura, o potencial arquivístico indisciplinado da Unidas, nos apresentam outros caminho ou maneiras para escapar de uma rotina baseada na cisgeneridade-binária, heterossexual e normativa que demarca limites aos corpos e experiência travesti. (York; Oliveira; Benevides, 2020) Assim, esses caminhos/maneiras são ao mesmo tempo produzidos e produtores de seus arquivos, arquivos que transmutam a concepção comunitária e política de vidas que não estão nos livros das histórias tradicionais.

O ano era 2000, O *Salto* é lançado em baixo de amendoeira no centro da cidade de Aracaju, e contou com a presença de pessoas envolvidas com o jornalismo impresso e televisivo sergipano. Os principais objetivos do Salto eram trabalhar na divulgação da Unidas, com ações de prevenção de saúde, prevenção do Hiv/Aids, e trazer os principais assuntos, burburinhos, festas, eventos que

envolviam a instituição e o cotidiano das travestis. (Chagas; Oliveira, 2022)

Figura 1- Primeira edição O Salto



Fonte: Acervo da Unidas

Segundo Chagas e Oliveira (2022) a intenção da instituição não era produzir um expediente jornalístico, nem um veículo de propagação de militância, a estratégia consistia em construir uma ferramenta de comunicação entre as meninas e a população aliada. A figura 1 nos apresenta a primeira edição, pelo menos nos primeiros anos as publicações eram de maneira trimestral, porém não é possível assegurar que tal aspecto se manteve até a última publicação.

Fica evidente em toda construção dos boletins, de forma estrutural, os títulos, as notas, reportagens e fotos foi pensado para dialogar com o público da Unidas. Segundo Chagas e Oliveira (2022) a escolha do nome do boletim e sua representação através de um salto de sapato, seria uma forma de representar a importância do feminino para aquelas mulheres e garantia que se sentiriam representadas pela aproximação com seus universos. Trazendo também

pressupostos de um projeto social ainda inacabado e a constituição de estratégias para expor uma trajetória de reivindicação de direitos e o transcurso do dia a dia. (York; Oliveira; Benevides, 2020)

Esse é o primeiro número do nosso jornal O Salto. Mais que uma proposta, é um desafio: um boletim feito por e com travestis. Expor ao mundo dos comuns o que lhe salta os olhos: o universo transvestido. Alegre e glamuroso, esse mundo desconhecido comporta contradições. Como alegria e glamour podem rimar com desrespeito, opressão e discriminação? (O Salto, 2000)

Ainda na capa desta primeira edição, a Unidas (re)afirma seu compromisso ético/político na luta por maior visibilidade as existências trans e travestis na luta por uma cidadania plena, que não as coloquem as margens, mas que as coloque também nos centros das discussões.

Nesta edição ainda conta com uma matéria "*Homofobia-Travestifobia*", onde há uma construção narrativa sobre como o sentimento "homofóbico" atravessa as ruas da cidade aracajuana, especialmente nos dias que antecedem as festas carnavalescas do estado, traduzindo-se em muitas violências. Segundo a matéria, quando se trata de travestis as violências se apresentam de forma mais cruel. "*Estando na rua para a "batalha", o retorno para casa não é garantido.*"

Por muito tempo, a homofobia foi concebida como o termo guarda-chuva para se falar das violências sofridas por pessoas LGBTI+, sendo uma das alegações a "economia de linguagem". (BORRILLO, 2015, p.23) É interessante perceber como *O Salto* também constrói uma disputa narrativa, nomeando e diferenciando as violências vividas por pessoas travestis e por homossexuais. Sendo um importante marco para constituição de futuros possíveis, onde a escrita marca um ponto de intensificação do desejo pela quebra de algumas barreiras sociais, políticas e epistêmicas (York; Oliveira; Benevides, 2020). De acordo com Podestà (2019) o surgimento, adoção de termo que diferencia-se as violências vividas por pessoas trans, a transfobia, vai "primeiramente dentro do movimento social e/ou entre pessoas trans ativistas acadêmicas – respaldado também nas elaborações teóricas do conceito de "transgeneridade". (Podestà, 2019, p. 373)

Longe dos espaços acadêmicos, que disputam conceitos e (re)produzem maneiras de objetificar as experiências trans, *O Salto* parte para disputa de compreender que essas violências se apresentam de diferentes formas, para diferentes sujeitas e sujeitos, fugindo das armadilhas que universalizam as experiências travestis e homossexuais.

Figura 2 - Primeira edição O Salto

HOMOFOBIA-TRAVESTIFOBIA

A homofobia, sentimento bastante presente neste final de século, nem sempre fez parte da história da sexualidade humana. Sociedades primitivas tiveram toda sua existência sem este sentimento de homofobia.

Em nossa Aracaju, terra de papagaios, caju e pré-caju, segundo comenta-se a maior pré-via-carnavalesca do país, o sentimento homofóbico permeia nossa sociedade. Vários homossexuais foram mortos, sem que os autores dos crimes tenham sido punidos. No caso das travestis, o descaso é ainda maior.

A travesti sofre a violência nas ruas, a começar pela sua ima-

gem, pois a sua opção em vestir-se de mulher incomoda a muitos. Desde aqueles que sentem repulsa e rejeitam qualquer forma de aproximação, até os que desfrutam do corpo dessa mulher irreal.

Estando na rua para a "batalha", o retorno para casa não é garantido. Nas ruas, vive-se todas as situações, desde xingamentos, vaias, ovo cusando-se a pagar o combinado, sob as mais diversas alegações tais como: "eu não gozei", "tenho nojo de você", "odeio viado", etc, gerando aí uma confusão, desfazendo-se o truque da mulher irreal, para dar lugar ao trabalha-

dor do sexo, que exige sua remuneração pelo serviço prestado. pode na cara, até a quebra do contrato feito anterior ao programa pelo cliente, após a prestação do serviço, recusando-se a pagar o combinado, sob as mais diversas alegações, tais como: "eu não gozei", "tenho nojo de você", "odeio viado", etc, gerando aí uma confusão, desfazendo-se o truque da mulher irreal, para dar lugar ao trabalhador do sexo, que exige sua remuneração pelo serviço prestado. Situações como estas chegam até a agressões físicas com destino à delegacia.



A UNIDAS é uma ONG (Organização não governamental), fundada em 12 de julho de 1999, que tem como objetivo defender os direitos e a cidadania das travestis.

As associadas da UNIDAS reúnem-se quinzenalmente para discutir assuntos de interesse das travestis, como também encontrar formas de trazer outras travestis para a Associação. Dentre outras atividades, a UNIDAS promove palestras e entretenimento criando um clima de companheirismo e solidariedade entre as travestis.

A Associação tem contado com a colaboração de pessoas simpatizantes da causa das travestis. E é com essa colaboração que iremos alugar um espaço

para realizações de cursos profissionalizantes, palestras, distribuição de material educativo, preservativos, etc.

A UNIDAS objetiva, também, atuar junto aos familiares de travestis que vivem com Hiv/Aids, na busca de despertar a necessidade de apoio, atenção e respeito a elas. Para aquelas travestis desprovidas de família, a UNIDAS

buscará junto às outras Instituições (governamentais e não governamentais) a criação de um abrigo destinado às doentes de Aids e às idosas carentes de

bens sociais e econômicos, que caracterize um caso de situação de rua.

A sede da UNIDAS será sempre um espaço de luta e discussão, não só dos direitos e deveres das travestis, mas sobretudo buscará contribuir ou criar uma sociedade mais justa e profundamente respeitosa para com a diversidade humana.



Fonte: Acervo da Unidas

Figura 3 - Primeira edição O Salto

Proctologia e doenças sexualmente transmissíveis (parte I)

Por: Dr. Mário Vidal

A sexualidade faz parte da vida do ser humano, tanto quanto o hábito de comer, dormir, passear, fazer compras e outras atividades corriqueiras. Cito um autor desconhecido que já dizia "O sexo foi criado por Deus. Portanto é originalmente santo." O que mudou durante o passar dos anos não foi a prática e sim as consequências trazidas.

Enfocando as consequências das relações sexuais e, em particular, a sodomia (sexo anal), faz-se necessário o esclarecimento de alguns problemas que poderão aparecer. Destaco as doenças sexualmente transmissíveis, as disfunções orgânicas e as mentais.

No campo das doenças venéreas, resalto o condiloma acuminado, a gonorréia, a sífilis, a proctite

inespecífica, a hepatite e a AIDS.

O condiloma acuminado é a mais comum das doenças venéreas. Tem como agente etiológico um vírus HPV. Apesar de ser rotulada como doença transmitida pelo sexo, há casos na literatura (6%) onde não se consegue encontrar a maneira de contaminação. Na maioria das vezes há um dos parceiros com a doença ativa, porém as pessoas podem ser portadoras do vírus HPV e não se manifesta de maneira clássica. O período de incubação é muito variado e sua manifestação típica é de tumoração em borda do ânus que começa bem pequena e vai aumentando com o tempo, até atingir a forma de couve-flor, ou seja, rodeia todo o ânus. A

maneira mais simples da prevenção é o uso do preservativo e, principalmente, evitar qualquer tipo de relacionamento com pessoas que possuem pequenas verrugas nos órgãos genitais. O tratamento pode ser feito com produtos tópicos, se forem diagnosticados na sua fase inicial. Se forem grandes e comprometerem também o canal anal, deve ser feito o tratamento cirúrgico com a retirada das tumorações e posterior utilização de bisturi elétrico. É um método simples, eficaz e com uma taxa baixa de reaparecimento dos sintomas. Após o desaparecimento dos caroços, deve ser feita uma visita a cada seis meses ao proctologista para se vigiar e prevenir o retorno da doença.

GUIA SAÚDE

No posto de saúde Dona Jovem (bairro Industrial), encontra-se vacina contra hepatite B para trabalhadores do sexo.

Não vacile, vacine-se.

O COAS - Centro de Orientação Sorológica da Secretaria do Estado da Saúde, funciona à rua Bahia (antigo INPS), bloco 3, de segunda à quinta-feira das 13:30 h às 17:00 h. *Vá lá, assista a palestra e tire suas dúvidas.*

C.T.A. Centro de Testagem Anônima da Secretaria Municipal de Saúde funciona no posto de saúde Geraldo Magela (conj. Orlando Dantas), realiza exames de HIV e SÍFILIS às terças e quintas-feiras no período da manhã.

INFORMAÇÕES E ACONTECIMENTOS

* Acontecerá a IV Parada do Orgulho de Gays, Bissexuais e Transgêneros de São Paulo em 25/06/2000

* Já encontram-se abertas inscrições para o VIII ENTLAIDS, organizado pela ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados do Rio de Janeiro). O evento acontecerá em junho de 2000

* O Baile das Atrizes esperado por todos que já participaram no passado e viveram uma noite de glamour, não correspondeu este ano às expectativas. Faltou incentivo e apoio para os organizadores. **NÃO VAMOS DEIXAR O BAILE DAS ATRIZES MORRER.**

* A UNIDAS tem recebido material informativo e cartas de Ong's de todo o Brasil parabenizando pela sua criação.

* O Grupo DIALOGAY, no dia 02/03, deu um grande apoio a UNIDAS, acompanhando a delegacia, ao IML e ao HJAF, uma das nossas travestis que sofreu agressão física na rua. A travesti teve o supercílio esquerdo cortado por uma coronhada de revólver. O agressor diz ser policial. Não sabemos se sim ou não, porém não seria a primeira vez que policiais agredem travestis.

* A Secretaria Municipal de Saúde realizou nos dias 14 e 15 deste o 1º Fórum Municipal "MULHER e AIDS". Iniciativa importantíssima para a prevenção das DST/AIDS e discussão sobre as dificuldades do mundo feminino. A UNIDAS se fez presente.



Fonte: Acervo da Unidas

Essa primeira edição do *Salto* também conta com a uma seção que apresenta a instituição, falando de seus objetivos que como elas estariam se organizando a partir de reuniões na sede. Há uma seção que trata sobre doenças sexualmente transmissíveis, assunto que se apresenta em quase todos os números dos boletins, contendo também um guia de saúde, onde constam endereços e contatos de atendimentos de saúde como, vacinas, palestras e exames. Uma seção com informações e acontecimentos, na qual há informações sobre atividades como pargas, seminários de outros movimentos sociais de outros estados. Há também um registro de reconhecimento de outras instituições parabenizando a Unidas por sua criação.

Figura 4 - Oitava edição O Salto



EDITORIAL

Que o 1º de dezembro é o dia Internacional do combate ao HIV/AIDS muita gente sabe. O que muitos, centenas, milhares e milhões de pessoas no mundo não se dão conta é de que uma forma de vida invisível a olho nu é capaz de dizimar populações. Mas existe algo que mata mais que a AIDS, que o câncer, que os acidentes de trânsito. É um ser microscópico. Um vírus antiquíssimo. Existe desde que o homem é homem. É poderosíssimo. Capaz de destruir qualquer coisa. Ele transforma paz em guerra; confiança e felicidade em hipocrisia e tristeza. Corrói todo e qualquer tipo de relacionamento humano. Ele está tão perto de nós que não o enxergamos. Pode estar em nossos familiares, em nossos amigos e pasmem em nós também!!!!

É ele o responsável pelos nossos pensamentos de que: "todos os mulçumanos são terroristas"; "todo preto é burro"; "todo japonês é inteligente"; "homossexual tem doenças contagiosas" e tantos outros conceitos, convicções, crenças que discriminam e excluem os seres humanos do convívio social digno. Como disse, é um vírus milenar o vírus do preconceito. É tão comum e corriqueiro que freqüentemente externamos algum preconceito que nem nos damos conta de que estamos contribuindo para a sua proliferação.

Se você e as pessoas que estão à sua volta tiram conclusões precipitadas sobre as outras, se julgam uma as outras... Hummm... É bom ficar alerta, talvez vocês já estejam contaminadas com esse vírus! Não se exasperem! A boa notícia é que esse vírus pode ser destruído com um coquetel de tolerância, respeito afeto, compaixão e ternura. Esses pequenos ingredientes tão conhecidos do universo feminino, que alguns machões como George Bush poderiam adotar como medida de paz.

Por isso vacine-se já!!
Luciana Lins

Janáina Dutra, única travesti a exercer a advocacia no Brasil.

Trechos da entrevista concedida a Revista Singular/Fortaleza/CE, em Setembro de 2002 a jornalista Ethel de Paula.

Singular - Você então sofreu preconceito no âmbito da profissão...

Janáina - Exerci a profissão durante dez anos: fiz divórcio, usucapião...No começo da década de 90 eu já tomava hormônio, mas la pro trabalho vestido de homem, aquela coisa de calça de linho, gravata, prendia o cabelo. Mas à medida em que fui me transformando, me assumindo como travesti, naturalmente fui me especializando também em casos nessa área de direitos humanos, voltada para a causa homossexual... E recentemente uma pesquisa nacional apontou: sou a única no exercício da profissão de Direito no Brasil.

Singular - O fato de ter um diploma fez com que você sofresse menos preconceito?

Janáina - Ser travesti impacta muito as pessoas. Um gay e uma lésbica podem até passar batido, na família, na escola, no trabalho ... Mas o travesti não, já que esse processo de siliconização, de harmonização normalmente se dá já na adolescência. Então fica

difícil agüentar as chacotas no colégio. Isso faz com que muitos abandonem os estudos cedo. Daí a necessidade de uma política educacional de profissionalização voltada para aquelas que não são aceitas pela família. "Já não basta ser viado ainda vai se vestir de mulher?", é assim que dizem. No meu caso foi diferente porque comecei a tomar hormônio já na fase adulta, quase com 30 anos. Então, enquanto morei com meus pais, em Canindé, sempre fui bem aceito, nunca fizeram disso um cavalo de batalha. Minha mãe tem muito orgulho de mim, da minha luta, da minha militância.

Singular - Qual sua utopia?
Janáina - Ter uma sociedade mais tolerante.



Fonte: Acervo da Unidas

A próxima edição do *Salto* que pensaremos aqui, é a de número 8 de 2002, temos na capa uma entrevista com Janaína Dutra, travesti pioneira no exercício da advocacia no Brasil. Na reportagem Janaína conta sobre suas experiências como advogada, dos desafios que enfrentou durante sua jornada e especialmente como é difícil se manter nos espaços educativos sendo uma travesti, a advogada também aponta para importância de criação de uma política educacional destinada a profissionalização para as travestis.

A reportagem apresenta um panorama interessante a ser pensado para o imaginário de pessoas trans no Brasil, primeiro a ideia da primeira travesti advogada no Brasil, quais são os significados de conhecer uma travesti advogada, para muitas das meninas que liam o boletim e encontraram na prostituição como uma única possibilidade de destino? É mais um movimento de resistência produzido no *Salto*, um movimento que (re)escreve, (re)apresenta histórias e narrativas onde as travestis escrevem em seu próprio nome e "têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear

suas histórias” (hooks, 1989, p.89).

Figura 5 - Oitava edição O Salto

O Salto Ano II - no.08, Nov/Dez/2002 Pág.04

BASTIDORES DO GLAMUOR
Com Luciana Lins

É com imenso prazer que inauguramos essa sessão de muito brilho e glamour que afinal de contas. Fala de bonecas sempre tem BRILHO E BABADOS. Estive em Fortaleza outra vez onde participei do Encontro de Profissionais do Sexo , promovido pela APROCE/CE , que foi realizado na praia do futuro, no Lisboa Praia Hotel, e contou com participantes de todo Nordeste, além da presença da Deputada Estadual Liziane Lins, a 4ª, Deputada mais votada do Ceará. Ainda em Fortaleza aconteceu no mês passado o concurso Garota G, onde contou com a participação da cantora Vanuza, Helen Ganzaroli, Vladimir Brichta e com a apresentação maravilhosa da Nany People, que deu um Show e fez todo mundo se sentir bem à vontade. Esse final de ano muita coisa vai acontecer com a chegada das estrelas italianas, Raiane, Madona, Brigitte, Alcina, Lana, Salomé, Valquíria, Keite e Ingrid. Chanelle, Márcia Dornelles, amigas e companheiras são sempre lembradas. Estamos com saudades. Aqui vou deixando uma reflexão: "Esquecer a perfeição não significa baixar os seus padrões, mas sim elevá-los".

FLASH



Não tenho palavras para dizer os dias que passei em Fortaleza com minha amiga Janaina Dutra. Te amo muito!



Nany arrasou no concurso Garota G de Fortaleza, onde fez uma apresentação belíssima. Nany só existe uma!



Quem também estava em Fortaleza foi a lindíssima, Helen Ganzaroli, onde sua simpatia e beleza foi glamour total.



Safira Bengell que fez esse mês em Milão, o Miss Transex, um evento de cair o queixo e Safira, como sempre, levantando o nome da travesti brasileira na Itália

Luana Close em Milão/Itália em uma pequena Nevaska.

UNIDAS
Associação de Travestis
Unidas na Luta Pela Cidadania

CS Digitalizada com CamScanner

Fonte: Acervo da Unidas

Na seção Saúde e Educação, é discutido sobre HPV. O que é? Nela, são apresentados relatos sobre a relação de seres humanos com diferentes agentes biológicos desde o surgimento do “interesse pelas doenças genitais”. As chamadas do texto fazem referência às sexualidades e práticas sexuais não heterocentradas, principalmente por meio dos relatos históricos, sugerindo mudanças da forma de se falar sobre assuntos biológicos e do afeto que surgem a partir disso. Sendo a seção dedicada à descrição da doença, mas também o agenciamento através da indicação das formas de tratar, prevenir e dialogar sobre o HPV, promovendo uma (re)aproximação de alguns corpos que “se abrem em cuidado e zelo, numa outra forma de experimentar uma convivência travesti.” (York; Oliveira; Benevides, 2020, p. 8).

O boletim também contava com seções glamourosas, onde as atualizações sobre os eventos e as viagens eram colocadas em dia. As colunas escritas narram as experiências vividas em eventos, concursos de beleza e os encontros com os

artistas globais. A seção Flash, trazia as fotos dessas experiências, das meninas que estavam na Europa e fotos onde elas pousavam para ensaios fotográficos.

Diferente do que o imaginário jornalístico sensacionalista produz sobre pessoas trans e travestis no Brasil, o Salto agencia a beleza, o sucesso, os afetos redes que produzem maneiras de resistir e sobreviver ao *cistema*.

4 Considerações Finais.

Flash, glamour, saúde, educação, experiências, beleza, sucesso, resistência...

Como o boletim O Salto nos ajuda a entender sobre o movimento de travestis em Sergipe e como pensar em caminhos outros de luta e resistência?

Pensar nos atravessamentos desse boletim é também refletir sobre uma práxis político-pedagógica (Passos, 2022), desenvolvida pela Unidas e por essas mulheres, os boletins jogam no centro das conversas questões sobre as realidades sociais dessas mulheres e seus diversos atravessamentos, um conhecimento que é mobilizado a partir de práxis, de uma experiência coletiva de busca por cidadania plena. Passos (2022) aponta como o Movimento de Travestis e Mulheres Transexuais no Brasil formou aprendizagens a partir da práxis e como o debate sobre políticas públicas, direitos e deveres, cidadania, entre outros colaboram em processos formativos e intervenções pedagógicas.

Foi e é justamente esses processos que podemos encontrar nos arquivos indisciplinados da Unidas, especialmente nestes escritos sobre O Salto, são travestis e mulheres trans que se reconhecem e para além agenciam estrategicamente maneiras outras de falar de si e refletir criticamente sobre maneiras de intervir na sociedade. Assim como teorizado por Passos (2022), as pedagogias das travestilidades que desestabilizam as agendas “política, social, cultural e pedagógicas do opressor” também fez sua escola em terras sergipanas, as travestilidades nos ensinam sobre metodologias da emancipação, didáticas sobre como (sobre)viver mesmo diante dos silenciamentos.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BOURCIER, S. As políticas de arquivo. *In*: **Políticas da vida**: coproduções de saberes e resistências / organizadores Bruna Andrade Irineu... [et al.]. – 1.ed. – Salvador, BA: Devires, 2023

CHAGAS, E; Oliveira, J. M. D. **Unidas! 20 anos de luta pela cidadania**: percepções e itinerários de uma batalha. Aracaju: Segrasse. 2022

HOOKS, b. **Talking back**: Thinking feminist, talking black. Boston: South End press, 1989.

PASSOS, M. C. A. **Pedagogias das travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2022

PODESTÁ, L. L. de. Ensaio sobre o conceito de transfobia. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 11, p. 363–380, 2019. DOI: 10.9771/peri.v1i11.27873. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27873>. Acesso em: 14 ago. 2024.

YORK, S. W.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B.. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. e75614, 2020.

